

# QUANTOFRENIA

27-12-59

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A filosofia que Guilherme d'Occam profeticamente denominou "via modernorum", e que passou a influir poderosamente na estruturação intelectual da nova civilização que começava com a Renascença e a Reforma, apregoava uma espécie de ascese, de disciplina de simplicidade, quando dizia que não se deviam multiplicar sem necessidade as coisas. "Non sunt multiplicanda entia sine necessitate". A primeira vista a regra parece sábia, e já era usada por Santo Tomás com uma pequena diferença que esconde um abismo: "Devemos admitir todas as distinções reais para a explicação dos fatos mas só aquelas que por uma indução evidente se demonstram necessárias". Guilherme d'Occam não se contenta com a regra de simplificação que ainda obedece ao real; indo mais longe, sua regra viola, mutila, simplifica não o caminho da pesquisa, mas a própria realidade. Em termos mais filosóficos, não se contentava com a distinção real, e exigia a separação da coisa que quisesse merecer sua consideração.

Essa doutrina, que ainda hoje é francamente professada pelo neopositivismo, como se vê numa declaração feita por Hans Reichenbach, (Elements of Symbolic Logic) vem de um profundo pessimismo em relação à adaptabilidade de entre a inteligência e o ser e do correlato ressentimento em relação à realidade. A inteligência decepcionada, irritada, ferida no nervo do amor próprio, toma outro caminho: a "via modernorum", onde colherá grandes sucessos e retornantes glórias. Simplifica-se o domínio do real e consegue-se um tipo de saber mais comunicável, mais útil, mais bem sucedido, com sacrifício das cogitações mais altas que a esse tipo de homem, de quatrocentos anos atrás ou de hoje, parecerão um luxo superfluo e até nocivo ao bom andamento da civilização afinada pelo diapasão das ciências da natureza.

Uma filosofia desse tipo tinha de caminhar a passos largos para a proclamação da Matemática como rainha de todas as ciências. E uma civilização fortemente marcada por tais ideias tinha de se precipitar nesse endeusamento da quantidade, da cifra, do algarismo, que o sociólogo Sorokin chamou de "Quantofrenia".

O número é efetivamente o elemento de linguagem mais universal e mais comunicável que existe. Admitido um padrão comum, dentro de um sistema de unidades, eu posso, numa folha de papel, registrar todos os dados que permitam a repetição exata de um complicado aparelho eletrônico, ou de um pudim. A receita para fazer um computador eletrônico ou um bolo de aniversário, uma vez que de ante mão sabemos o que são umas tantas coisas — um fio de cobre, uma gema de ovo, etc. — cinge-se ao número de unidades para cada coisa. Uma grande descoberta física pode ser transmitida ao mundo inteiro com poucos algarismos. Lembro-me, por exemplo,

da famosa experiência da qual pendia a teoria da relatividade de Einstein, e que consistia em observar, durante um eclipse total do sol, o desvio sofrido pelos raios de luz das estrelas próximas do disco. O mundo esteve em suspenso, e bastou a publicação de um número de segundos de arco para ficarmos sabendo que o desvio era duas vezes maior do que dizia a teoria de Newton, e praticamente igual à que anunciava a nova teoria.

Disse eu, acima, que podia transmitir facilmente uma receita de bolo, mas cometi a imprudência de acrescentar "de aniversário". Ora enquanto me contento com a composição do bolo, que depende do número de gemas e de colheres de açúcar e farinha de trigo, uma vez que são razoavelmente constantes os ovos e as colheres, é verdade que posso por telefone transmitir a receita; se, porém, se introduz sub-repticiamente no problema aquela nota "de aniversário", que anuncia exigências de ordem supra-funcional, de ordem estética — então já não será tão simples a transmissão telefônica da receita. Conheço um colecionador de quadros que encomendou a um pintor de naturezas mortas um quadro que tivesse uma garrafa, meio coco e uma talhada de melancia. Creio que não preciso explicar ao leitor habitual onde reside o aspecto cômico de tal encomenda...

A poesia como a metafísica são dificilmente comunicáveis. Dentro do esquema nominalista ou das ideias claras de Descartes não cabem a poesia e a sabedoria; mas o tipo de homem da família espiritual dos Occam, ontem e hoje, pensa que a poesia e a sabedoria são meros adornos, rendas, babados da civilização; e seriamente julgam que o que importa para o progresso e para a ordem do mundo é somente, ou é principalmente a ciência. E ainda mais seriamente julgam que, dentro dos quadros das ciências, a mais alta hierarquia cabe ao Número. Analisando os diversos aspectos da realidade, do Ser, Aristóteles chegou as suas famosas "categorias", entre as quais, no mais baixo degrau estava a "quantidade", categoria acidental dos seres materiais. Para os descendentes de Occam, consciente ou inconscientemente, e para Descartes, explicitamente, toda a questão de qualidade se reduz a uma questão de quantidade. A qualidade "azul", por exemplo, se explica cabalmente, ou melhor, se identifica com o movimento oscilatório cujo comprimento de onda é 0.5 microns. Vamos até ao matiz: se você quer um azul de asa de borboleta, encomende o comprimento de onda de 0.52; ao contrário, se deseja o cobalto, ou o tranqüilo ultramar, exija 0.48 microns, ou 4800 angstroms. Dificilmente compreenderá ele — o homem da família espiritual dos Occam — a indagação que às vezes nos acomete o espírito e nos deixa mergulhado em cogitações que se perdem em horizontes de nevoa ou de noite. Por que será que o azul é azul? E tal tipo de interlocutor talvez não possa imaginar o aborrecimento, a irritação, o enfado, o cansaço, a tristeza que nos traz com sua resposta rápida e precisa: "Ora essa! é uma oscilação de 5000 angstroms".

Não é. O quantitativo acompanha, segue, contorna a qualidade; mas não se identifica nem a explica totalmente. Há uma correspondência, às vezes útil, às vezes nociva, entre as categorias. Uma das componentes do fenômeno é a sua medida, são os parâmetros, como um dos meus dados é o que peso ou é o tempo de coagulação de meu sangue; mas não admito que me identifiquem com os quilogramas ou com os segundos de tempo. Eu sou eu, Fulano de Tal, como posso atestar com a carteira de identidade, e como muito mais facilmente atestariam as pessoas que comigo partilham a alegria de viver e a dor de não viver com Deus espera que vivamos.

Será preciso dizer mais uma vez que tenho o máximo respeito pela ciência e pelos que trabalham nela? Digo. E repito que passei a vida a medir coisas, tendo até um gosto ainda não esmorecido pelo ofício. Mas não posso concordar com quem venha dizer-me que todas as questões de qualidade se reduzem a questões de quantidade; e muito menos com quem pretender lisongear-me com a afirmativa de que não há mais alto saber do que esse que se traduz em algarismos. Ninguém pretende contestar o imenso valor das conquistas científicas traduzidas em números. O que não se pode é coroar quem não nasceu rei, nem dar aos instrumentos, aos valores que tem caráter de meio um caráter de fim.

Se a ciência da natureza tem sido muito útil ao homem, ainda é da grandeza do homem e da transcendência de sua sorte que a ciência tira sua nobreza. Simplifiquemos, quantifiquemos os utensílios mentais que nos resolver as dificuldades da vida, esquematizemos os tipos de saber que podem suportar e até pedem tal tratamento; mas não passemos a linha meridiana que separa as categorias.

A matematização é útil mas a filosofia da matematização é nefasta, como seria, no domínio da literatura, nefasta a corrente que pretendesse aplicar a regra de Occam ("Non sunt multiplicanda...") à obra inteira de Shakespeare, passando-a para o "basic-english", a distância entre a realidade, isto é, a obra de Deus, e as equações produzidas pelo quantofrenia ainda é infinitamente maior.